

## **HISTORIOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA, PRÁTICAS, TEMÁTICAS E DIDÁTICAS EM CONTEXTO: AS PERSPECTIVAS DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA**

Jessé Gonçalves Cutrim <sup>1</sup>

### **RESUMO**

Com o ultra liberalismo batendo à nossa porta diariamente, com a constante reinvenção do capitalismo tardio em nossa sociedade há de encontrarmos abrigo seguro na verdade, mas a verdade, só pode de fato ter lugar na história. Na Era do desempenho, mas também das fakes news e da pós-verdade, onde disputas políticas dicotômicas assolam as frágeis relações sociais, sejam nas redes sociais e/ou no cotidiano, somente um ensino de história consequente e plural pode conter o antídoto desse caos que para muitos é benéfico. Nesse ensaio busca-se reafirmar a importância da história e do seu ensino como disciplina humana e cidadã. E mostrar que através do seu ensino, de sua prática e didática constantemente repensadas e renovadas pode-se obter significativa consciência histórica. Ao contrário, quando ela no passado (no período da ditadura militar) perdeu espaço relevante na educação brasileira sendo renegada a terceiro e quarto plano e, negligenciada que foi, como pilar central nas humanidades, ficaram as marcas indeléveis nas gerações que ainda hoje são perceptíveis. Objetiva-se com esse texto discutir sobre os principais processos que envolvem a historiografia, as práticas, as temáticas e a didáticas atinentes ao ensino de história, bem como as perspectivas da consciência histórica com base em experiências, reflexões teóricas (com base em historiadores e pesquisadores do assunto) e provocações. Todas essas categorias históricas estão interligadas, e essa interdependência é fundamental para uma compreensão teórico-metodológico significativa do devir histórico.

**Palavras-chave:** Historiografia, Ensino de História, Didática, Perspectivas, Consciência histórica.

### **INTRODUÇÃO**

A sociedade brasileira nesses primeiros dias de 2023 passou por momentos paradigmáticos para salvaguardar a democracia. Novo Governo a partir de janeiro com novas agendas. Uma parcela da oposição descontente que, após dois meses de acampamento em frente ao Comando Geral das Forças Armadas em Brasília resolveram no dia oito de janeiro invadir os prédios das sedes do Poder Executivo, Legislativo e Judiciário na Praça dos Três Poderes e depredarem tudo que encontram pelo caminho. Logo depois, são presos, e possivelmente, os que direta ou indiretamente tiveram envolvimento serão presos e indiciados. É impossível não se discutir um fato como esse nas aulas de Ciências Humanas e, em outras áreas nas escolas e nas Universidades. Se nós, professores e professoras, não falarmos, com certeza haveremos de ser indagados por estudantes. A historiografia já se apropriou (ou se apropriará) desse que foi o maior

---

<sup>1</sup> Professor no Centro de Ciências Sociais e Letras (CCHSL) da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), [jessecutrim@uemasul.edu.br](mailto:jessecutrim@uemasul.edu.br);

ataque às instituições políticas no século XXI. A didática da história explorará esse fato em seus vários aspectos e esse tema se fará presente na prática do ensino em suas dimensões metodológicas. Esse fato, que repercutiu no mundo inteiro e reverberará para sempre é só um exemplo do quanto essas categorias históricas estão ligadas por força da nossa prática cotidiana e da historicidade lhes atribuída.

Caminhamos em campo minado nessas duas primeiras décadas do século XXI e, temos que enfrentar com responsabilidade e coerência os desafios educacionais e do livre pensar histórico, que se assoberbam sobremaneira. Na escola, na academia, mas principalmente no seio da sociedade precisamos estar em constante vigilância quanto aos fatos históricos e as interpretações de parte a parte. Há em curso, novos paradigmas educacionais que redimensionarão em número e grau o conhecimento, uma avalanche de boas intenções para dinamizar o ensino e a aprendizagem. Não custa nada ficar atento a essas mudanças, elas podem vir acompanhadas de excelentes ideias agora, mas num médio e longo prazo pode mostrar suas verdadeiras intenções.

Novo Ensino Médio, Base Nacional Comum Curricular, Novo ENEM com base na BNCC estão na pauta do dia. A história e outras disciplinas da escola básica no primeiro ano de implantação do Novo Ensino Médio já sofreram redução de suas cargas horárias na primeira série do ensino médio. Justamente quando mais se precisa de tempo para discutir melhor as problemáticas trazidas no curso da história. Nesse ensaio busca-se reafirmar a importância da história e do seu ensino como disciplina humana e cidadã. E mostrar que através do seu ensino, de sua prática e didática constantemente repensadas e renovadas pode-se obter significativa consciência histórica. Ao contrário, quando ela no passado (no período da ditadura militar) perdeu espaço relevante na educação brasileira sendo renegada a terceiro e quarto plano e, negligenciada que foi, como pilar central nas humanidades, ficaram as marcas indelévels nas gerações que ainda hoje são perceptíveis.

Os objetivos desse artigo é discutir sobre os principais processos que envolvem a historiografia, as práticas, as temáticas e a didáticas atinentes ao ensino de história, todos concatenados empiricamente e criticamente, para daí buscar sedimentar boas perspectivas da consciência histórica aos nossos estudantes.

Os desdobramentos relativos ao referencial teórico do texto na temática sobre a historiografia estão embasados por concepções dos pesquisadores César (2019) Marleba (2006) e Pynsky (2021), já as temáticas sobre o ensino de história, a didática e a

consciência histórica estão em sintonia com as ideias e as considerações dos eminentes estudiosos do assunto: Cardoso (2019), Cerri (2011), Martins (2019) e Rösen (2021).

Nossa pesquisa enquadra-se numa Pesquisa Bibliográfica, dentro de uma análise qualitativa, onde descrevemos os fatos e fenômenos emergentes relacionados ao ensino de história, que apropriados que serão pela historiografia virão como forma didática para as salas de aula denotando um dado aspecto de consciência histórica, para o bem e para o mal. Os teóricos, com suas obras, lidos e inseridos no debate historiográfico representam argumentos importantes para aprofundar aspectos teóricos-metodológicos no trajeto do texto.

## **METODOLOGIA**

Nossa metodologia se valeu da Pesquisa Bibliográfica, e utilizou-se de parte de textos dos mais renomados autores referentes aos assuntos aqui discutidos. Os caminhos metodológicos para o uso de textos de historiadores e pesquisadores acontecem de maneira empírica e, foram sendo colocados necessariamente quando argumentos reforçam ideias e conceitos. Contudo, a pesquisa seguiu em consonância com o respeito às etapas da identificação do tema, a busca e seleção das fontes, a análise crítica dos textos encontrados e a organização e registro dessas referências. Em resumo, nos desdobramos, na leitura, na análise e na interpretação de material impresso.

O arcabouço das fontes bibliográficas, em que pese nossa escolha subjetiva, foram inseridas ao longo do texto, recai nas ideias dos mais proeminentes estudiosos do assunto. Basteante experientes e com inúmeras pesquisas já publicadas, trazendo em suas proposições ou críticas o que de mais atual se encontra na literatura.

Na prática, nossa Pesquisa Bibliográfica pautou-se no modelo de investigação qualitativa, pois buscamos analisar e compreender o objeto de pesquisa na sua especificidade, levando em conta sujeitos e subjetividades, em que pese as complexidades inseridas nessa tarefa.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A historiografia e o ensino de história são áreas interconectadas que se preocupam com o estudo, a interpretação e a transmissão do conhecimento histórico. A historiografia refere-se ao estudo das diferentes abordagens, métodos e teorias utilizados pelos

historiadores na produção de conhecimento histórico. O historiador e teórico Jurandir Malerba (2006, p. 17) diz que “a fonte geradora da historiografia é a necessária retificação das versões do passado histórico operada a cada geração”. Dessa forma, Marleba reforça que o termo retificação se faz “motivada e condicionada pela própria inserção social do historiador em seu contexto, costuma apoiar-se também em recentes descobertas documentais e/ou no alargamento do horizonte teórico-metodológico da disciplina” (p.17). Deve-se, portanto, ressaltar que a história (e mais à frente seu ensino) vai sendo modificado com uma certa frequência de fatos históricos arrolados. Assim sendo, indagação pertinente faz o historiador Jaime Pinsky (2021, p. 7) “será que uma equipe de historiadores se reúne, de tempos em tempos, e monta uma relação de fatos históricos segundo a sua importância”? Claro que não! E por qual razão? Pinsky explica que historiadores e historiadoras são os/as criadores/as do fato, então “dão valor a cada um de acordo com uma série de critérios: no limite defendem determinada ideologia e catam, no passado, acontecimentos que possam reforçar seu universo teórico” (Pinsky, 2021, p. 8). Compreende-se que cada nação (ou cada governo) conta uma história que lhe convém. Articula, seleciona e dimensiona fatos e personagens com papéis convenientes ao um dado enredo histórico. Alguns personagens terão perfil para protagonista, outros por sua vez, para antagonistas. Essa “dinâmica” varia de país para país, especialmente na relação entre eles, na inversão, tanto de fatos, quanto de personagens. E em que panorama se encontra nossa historiografia? Na opinião do historiador Cesar,

A historiografia brasileira é hoje, pelos temas e por sua autorreflexão, uma das mais inclusivas e combativas sem perder em conteúdo teórico e pedagógico: a história da escravidão, do racismo, de gênero, a história da historiografia e os estudos voltados ao ensino são exemplos notáveis (Cesar, 2019, p. 120).

Cesar, entende que no Brasil a historiografia vai muito bem, sobretudo no caráter teórico e pedagógico. Ainda assim, falaremos das práticas e temáticas, além da didática que agora possui nova orientação de cunho historiográfico alemão. No ensino de história, as práticas, temáticas e didáticas devem refletir a consciência histórica, buscando promover uma compreensão mais abrangente e complexa do passado. Isso pode ser alcançado por meio da utilização de fontes históricas diversas, como documentos, imagens, testemunhos orais e artefatos, que permitam aos alunos e alunas explorar diferentes perspectivas e interpretar o passado por si mesmos.

Sobre o ensino de História desde sua institucionalização no século XIX, nas salas de aula do território brasileiro, de tempos em tempos devemos reformular as velhas, e sempre oportunas perguntas: O que ensinar? Como ensinar? O ensino de história pode ser

neutro? Cada tempo tem a sua “validade” em relação aos temas e fatos, por essa razão as respostas são dadas para cada tempo, as perguntas, em especial, são outras. O ensino de história, por sua vez, diz respeito às práticas e métodos utilizados pelos professores para transmitir esse conhecimento aos alunos. Longe de ser algo simples, o ensino de história toma como base vários preceitos, todos essenciais ao seu bom e significativo desempenho. Por exemplo algumas práticas devem ser levadas em consideração.

As práticas de ensino de história são as estratégias e abordagens utilizadas pelos professores (as) para transmitir o conhecimento histórico aos alunos. Essas práticas são essenciais para promover a compreensão, o interesse e a reflexão crítica sobre o passado. Aqui estão algumas práticas comuns no ensino de história: a) Análise de fontes históricas: Os alunos são ensinados a analisar e interpretar diferentes tipos de fontes históricas, como documentos escritos, fotografias, mapas, artefatos e testemunhos orais. Eles aprendem a examinar o contexto, a autenticidade e a perspectiva das fontes, desenvolvendo habilidades de leitura crítica. b) Discussões e debates: As discussões em sala de aula permitem que os alunos expressem suas opiniões, debatam ideias e confrontem diferentes perspectivas históricas. Essa prática promove o pensamento crítico, o raciocínio argumentativo e a construção de conhecimento coletivo. c) Trabalho em grupo: Atividades em grupo envolvem os alunos em projetos de pesquisa, apresentações e discussões colaborativas. Essa prática estimula a cooperação, a comunicação e o compartilhamento de conhecimentos, além de desenvolver habilidades de trabalho em equipe. d) Uso de recursos visuais e audiovisuais: O uso de recursos visuais, como imagens, vídeos e documentários, ajuda a tornar o ensino mais envolvente e estimulante. Esses recursos permitem que os alunos visualizem eventos históricos, compreendam melhor o contexto e estabeleçam conexões com o presente. e) Visitas a museus e locais históricos: Visitas a museus, exposições e locais históricos proporcionam aos alunos experiências de aprendizagem direta e imersiva. Eles têm a oportunidade de ver artefatos autênticos, explorar exposições interativas e interagir com profissionais do campo da história. f) Projetos de pesquisa: Projetos de pesquisa permitem que os alunos investiguem um tema histórico específico, realizem pesquisas, analisem fontes e apresentem suas descobertas. Essa prática desenvolve habilidades de pesquisa, escrita acadêmica e pensamento crítico. g) Uso de tecnologia e mídia digital: A tecnologia e a mídia digital podem ser utilizadas para enriquecer o ensino de história. Isso inclui o uso de recursos online, simulações, jogos educacionais e ferramentas interativas que auxiliam na compreensão e no engajamento dos alunos. h) Narrativas e histórias: O uso de

narrativas históricas envolventes e histórias pessoais ajuda os alunos a se conectarem emocionalmente com o passado, tornando-o mais significativo e relevante para eles. Isso pode envolver o uso de relatos pessoais, biografias, contos históricos e ficção histórica.

Essas práticas são apenas algumas das muitas abordagens que os (as) professores (as) podem adotar no ensino de história. É importante adaptar as práticas de acordo com as características dos alunos, os objetivos educacionais e o contexto em que o ensino ocorre, buscando sempre promover a compreensão histórica dos temas abordados. Com algumas práticas elencadas, vejamos alguns temas a serem evidenciados.

As temáticas abordadas no ensino de história também devem ser selecionadas de forma a englobar uma ampla gama de eventos, processos e experiências históricas. Isso inclui não apenas a história política e econômica, mas também a história social, cultural e das minorias, bem como a história global e transnacional. Dessa forma, os alunos podem desenvolver uma visão mais abrangente e contextualizada do passado.

Existem várias temáticas importantes para o ensino de história, que podem variar de acordo com o contexto, o nível de ensino e os objetivos educacionais. Aqui estão algumas temáticas amplas que são comumente abordadas no ensino de história: i) História política: Compreende o estudo dos eventos, instituições e líderes políticos ao longo do tempo. Inclui tópicos como revoluções, guerras, sistemas políticos, movimentos sociais e governança. ii) História social: Foca nas relações sociais, estruturas e mudanças ao longo do tempo. Envolve o estudo das classes sociais, gênero, etnia, religião, família, trabalho, desigualdades sociais, movimentos sociais e cultura popular. iii) História econômica: Explora as transformações econômicas, sistemas econômicos, comércio, produção, consumo e desenvolvimento econômico ao longo do tempo. iv) História cultural: Analisa as expressões culturais, como arte, literatura, música, religião, moda e arquitetura, e como elas são influenciadas e influenciam o contexto histórico. v) História das minorias e grupos marginalizados: Inclui o estudo das experiências e contribuições de grupos marginalizados, como povos indígenas, afrodescendentes, mulheres, LGBTQ+, pessoas com deficiência e imigrantes. vi) História local e regional: Aborda a história de uma determinada região ou comunidade, destacando suas especificidades, identidade e relações com o contexto nacional e global. vii) História global e transnacional: Enfatiza as interações, conexões e fluxos entre diferentes regiões e culturas ao longo do tempo, examinando processos como colonização, globalização, migração e intercâmbios culturais. viii) História das ideias e pensamento humano: Analisa o desenvolvimento e as transformações das ideias, filosofias, religiões, sistemas de pensamento e correntes

intelectuais ao longo da história. ix) História ambiental: Explora as relações entre os seres humanos e o meio ambiente ao longo do tempo, incluindo impactos ambientais, mudanças climáticas, exploração de recursos naturais e movimentos de conservação. x) História das ciências e tecnologia: Examina o avanço das ciências, invenções, descobertas científicas e tecnológicas, e como elas influenciaram e foram influenciadas pelo contexto histórico.

Essas são apenas algumas temáticas comumente abordadas, e é importante adaptar a seleção de temas de acordo com os objetivos educacionais, a idade dos alunos e as características do currículo escolar. O objetivo é proporcionar uma compreensão mais ampla e contextualizada do passado, promovendo a reflexão crítica e a conexão entre o passado e o presente. Por essa razão, é fundamental uma didática para o ensino de história que dê conta dessas multiplicidades de tarefas.

A didática da história refere-se aos métodos, estratégias e abordagens utilizados pelos professores no ensino da disciplina de história. É uma área de estudo que busca compreender como os conhecimentos históricos podem ser transmitidos de forma eficaz aos alunos, promovendo a compreensão, o interesse e a reflexão crítica sobre o passado. Para Rüsen (2001), a didática da história nada mais é, do que a ciência da aprendizagem histórica, que dimensiona formas e funções do conhecimento histórico e da consciência histórica na relação direta com os sujeitos e com a vida.

A didática da história envolve a seleção e organização dos conteúdos a serem ensinados, a escolha de recursos educacionais adequados, o planejamento de atividades e a criação de um ambiente de aprendizagem estimulante. Aqui estão algumas abordagens e estratégias comuns utilizadas na didática da história:

- Construção do conhecimento: Os alunos são incentivados a construir seu próprio conhecimento histórico através de investigação, pesquisa e análise de fontes históricas. Em vez de apenas receber informações prontas, eles são encorajados a questionar, interpretar e chegar a suas próprias conclusões.
- Uso de fontes históricas: As fontes históricas desempenham um papel crucial na didática da história. Elas podem incluir documentos escritos, fotografias, mapas, artefatos, testemunhos orais e outras evidências do passado. Os alunos são ensinados a analisar criticamente essas fontes, considerando seu contexto, autenticidade e possíveis vieses.
- Abordagem temática: Em vez de uma abordagem estritamente cronológica, a didática da história muitas vezes utiliza uma abordagem temática, explorando tópicos específicos que permitem uma compreensão mais profunda e contextualizada dos eventos históricos.

Isso pode envolver o estudo de temas como revoluções, direitos humanos, migrações, globalização, entre outros.

- Integração de diferentes perspectivas: É importante apresentar aos alunos diferentes perspectivas históricas, incluindo vozes e narrativas marginalizadas ou sub-representadas. Isso ajuda a evitar uma visão unilateral da história e promove a compreensão da diversidade de experiências e interpretações.
- Uso de tecnologia e mídia: A tecnologia e a mídia podem ser recursos poderosos na didática da história. Vídeos, imagens, simulações, jogos e recursos online podem enriquecer o ensino, tornando-o mais envolvente e acessível.
- Atividades práticas: Atividades práticas, como debates, dramatizações, trabalhos em grupo, projetos de pesquisa e visitas a museus ou locais históricos, permitem que os alunos se envolvam ativamente com o conteúdo histórico, promovendo a compreensão e a memória do que foi aprendido.
- Desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico: A didática da história visa desenvolver habilidades de pensamento crítico nos alunos, incentivando-os a questionar, analisar diferentes interpretações, comparar fontes e avaliar evidências históricas. Isso os capacita a se tornarem cidadãos informados e críticos.

É importante ressaltar que a didática da história está em constante evolução e pode variar de acordo com o contexto educacional, as características dos alunos e os objetivos educacionais específicos.

Hoje há um debate que começa a tomar conta do ensino de história nas Universidades brasileiras diz respeito à “didática da história” (tradução da palavra alemã *Geschichtsdidaktik*). A referida expressão

Define o campo criado pelos historiadores da República Federal da Alemanha após a II Guerra Mundial para pesquisar não apenas o ensino de história na escola básica, mas também a circulação social da história de uma maneira mais ampla: a história nas comemorações cívicas, nos monumentos, na televisão, nos videogames, na internet, na literatura, no cinema, no teatro, nos museus, no turismo, nas festas populares, nos memoriais, nos jornais e revistas etc. (Cardoso, 2019, p. 79).

O historiador Oldimar Cardoso, que foi docente e pesquisador da Cátedra de Didática da História na Universidade de Augsburg do período de 2008 a 2012, portanto fala com conhecimento de causa. Cardoso (2019) ressalta que:

Uma diferença importante entre a didática da história e as outras tradições que discutem o ensino de história é o fato de esse campo de pesquisa pautar na



teoria da história (e não na pedagogia) suas reflexões sobre como ensinar história (Cardoso, 2019, p. 82).

Dessa forma, Cardoso (2019, p. 82) entende que “para a didática da história é muito mais rigoroso centrar a discussão sobre o ensino na teoria da história que em outras teorias apenas supostamente pedagógicas que também não foram desenvolvidas por pedagogos”. Como exemplo disso, ele se reporta a quem desenvolveu o construtivismo, o suíço Jean Piaget, que era psicólogo e o idealizador do ensino por competências, também suíço Philippe Perrenoud que é sociólogo. Outra diferença extraordinária entre a didática da história e as demais tradições que discutem o ensino de história que Cardoso (2019, p.82) observa “refere-se ao entendimento de que a história ensinada na escola é absolutamente distinta da história criada pelos historiadores, sem uma relação de subordinação que transponha a ‘ciência de referência’ (*science de référence*) para a ‘disciplina escolar’ (*discipline scolaire*)”. A crítica realizada sobre a didática da história, que Cardoso faz é em relação à influência francesa, pois a mesma utilizou a expressão didática da história (*didactique de l’histoire*), que na realidade é mero sinônimo de ensino de história (*enseignement de l’histoire*) (Cardoso, 2019).

Convém salientar que em termos de didática, o importante é adotar abordagens pedagógicas que estimulem a participação ativa dos alunos, como debates, trabalhos em grupo, projetos de pesquisa e atividades. Isso permite que os estudantes construam seu próprio conhecimento histórico, desenvolvam habilidades de pensamento crítico e tenham a oportunidade de se engajar com as complexidades do passado. O que pode ter como consequência disso, são perspectivas de uma consciência histórica pertinente e consequente em relação aos fatos e fenômenos que ocorrem na sociedade, por parte dos educandos.

A perspectiva da consciência histórica é um aspecto fundamental tanto da historiografia quanto do ensino de história. Ela se refere à compreensão crítica e reflexiva do passado, ao reconhecimento das múltiplas perspectivas históricas e à consciência do papel da história na formação da identidade individual e coletiva. Vamos começar observando a voz de especialistas sobre o tema. O conceito central de consciência histórica na opinião abalizada de Estevão de Rezende Martins é:

Consciência histórica é a expressão utilizada contemporaneamente para designar a consciência que todo agente racial humano adquire e constrói, ao refletir sobre sua vida concreta e sobre sua posição no processo temporal da existência. Ela inclui dois elementos constitutivos: o da identidade pessoal e o da compreensão do conjunto social a que pertence, situados no tempo. A constituição da CH é o momento lógico da operação do pensamento histórico

e está imersa no ambiente abrangente da cultura histórica. Cultura histórica é o “acervo” dos sentidos constituídos pela consciência histórica humana ao longo do tempo. A consciência histórica precisa da memória – individual e coletiva – como referência dos conteúdos (Martins, 2019, p. 55).

Martins, observa que sendo a consciência histórica uma categoria básica da didática da história abrange “suas cinco operações básicas de constituição histórica de sentido: perguntar, experimentar ou perceber, interpretar, orientar, motivar” (Martins, 2019, p. 58)

O historiador alemão Jörn Rüsen (2001), um dos maiores expoentes da “didática da história” expõe sobre essa importante categoria para a teoria e o ensino da história que é a consciência histórica.

A consciência histórica não é algo que os homens podem ter ou não... ela é algo universalmente humano, dada necessariamente junto com a intencionalidade da vida prática dos homens. A consciência histórica enraíza-se, pois, na historicidade intrínseca à própria vida humana. Essa historicidade consiste no fato de que os homens, no diálogo com a natureza, com os demais homens e consigo mesmos, acerca do que sejam eles próprios e seu mundo, têm metas que vão além do que é o caso (Rüsen, 2001, p. 78).

Na mesma linha de Rüsen vemos então o argumento de um dos mais respeitados estudiosos do tema “consciência histórica”, o historiador Luís Fernando Cerri (2011):

O objetivo da educação histórica não é formar a consciência histórica, no sentido de pressupor que ela não existe no educando, para poder criá-la. Também não é fazer com que todos “cheguem” ao “nível” da “consciência histórica genética”, porque as pessoas não são ou estão em um dos tipos de geração de sentido histórico (Cerri, 2011, p. 128-129).

Quanto ao conceito de Cerri sobre consciência histórica, ele também é fiel ao pensamento seguido por Rüsen, e assim vai conceituar o referido termo

O conceito de consciência histórica entende que a interpretação do próprio indivíduo e da coletividade no tempo começa a ser formada muito antes da escolarização das crianças. Estas chegam às escolas, por exemplo, com preconceitos raciais já arraigados, de modo que é muito mais fácil que a educação humanista e igualitária seja mais um verniz que uma convicção dos futuros adultos educados. Podemos concordar que a história escolar tem uma função de orientação no tempo, mas ela não está sozinha nesse papel: ao existir, ao decidir, ao agir todo ser humano necessita constituir e colocar em funcionamento sua consciência histórica (Cerri, 2011, p. 112).

Cerri, no entanto, adverte que não é por essa razão que o ensino de história terá sua nulidade. Ao contrário, lembra: “no que se refere à identidade social, sua função – de interesse público – é prevenir a formação de identidades não razoáveis” (Cerri, 2011, p. 112).

No contexto do ensino de história, a consciência histórica envolve o desenvolvimento de habilidades e competências nos alunos, como a capacidade de analisar fontes históricas, interpretar eventos passados, compreender o processo de mudança ao longo do tempo e reconhecer a influência do passado no presente. Essas habilidades são essenciais para que os alunos se tornem cidadãos informados e críticos, capazes de compreender o mundo em que vivem. Além disso, a consciência histórica também abrange a sensibilidade para lidar com questões de justiça histórica, reconhecendo os impactos duradouros de eventos como o colonialismo, a escravidão e outras formas de opressão. Ela promove a inclusão de diferentes vozes e perspectivas históricas, evitando narrativas simplistas e estereotipadas.

No campo da historiografia, a consciência histórica influencia a forma como os historiadores abordam o passado. Ela incentiva a reflexão crítica sobre as fontes históricas, a consideração de diferentes interpretações e a incorporação de novas abordagens teóricas e metodológicas. Os historiadores também são desafiados a examinar suas próprias suposições e perspectivas, reconhecendo que suas interpretações são influenciadas por seu próprio contexto social, político e cultural. Em resumo, a perspectiva da consciência histórica desempenha um papel central na historiografia e no ensino de história. Ela busca promover uma compreensão reflexiva e crítica do passado, valorizando a diversidade de perspectivas e experiências históricas. Ao incorporar essa perspectiva nas práticas, temáticas e didáticas, tanto a historiografia quanto o ensino de história podem contribuir para a formação de cidadãos informados e críticos, capazes de compreender e apreciar a complexidade do mundo em que vivemos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O ensino de história hoje passa por uma série de transformações e desafios. Com o avanço da tecnologia, a diversificação das fontes de informação e a necessidade de uma educação mais crítica e contextualizada, os professores (as) de história têm buscado atualizar suas práticas para engajar os alunos e promover uma compreensão mais profunda do passado.

No entanto, os fatos, fenômenos e as mudanças sociais no campo da vida social, econômica e político-cultural de nossa sociedade fornecem os vetores dessa engrenagem ligada ao conhecimento histórico. Em alguns momentos, há uma superposição de vários fatores e ordens, como a que estamos a vivenciar: mudanças radicais nos fundamentos do

ensino básico que incidem sobre disciplinas escolares, conteúdos e concepções de livros didáticos em função da divisão de parte diversificada das disciplinas e do núcleo comum por força da Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, que estabeleceu as diretrizes da reforma do ensino médio. Até aí tudo bem, não fosse as celeumas criadas por entidades e que conseguiu encontrar insatisfação na categoria de professores, professoras por uma série de razões, que vão desde a inadequação da carga horária de boa parte das disciplinas do núcleo comum, que foram esvaziadas por outras da parte diversificada sem a mesma pertinência em relação ao conteúdo.

Não bastasse essas mudanças em pouco espaço de tempo, acarretando inúmeros dissabores técnicos e pedagógicos na seara escolar, há os episódios quanto ao limiar de eventos de natureza antidemocrática, que insistem em trazer à tona pesadelos ditatoriais do passado a nos assombrar.

Portanto, diante do cenário dicotômico entre esquerda e direita, sem entrar no mérito de cada lado, avança a passos largos e é urgente o ensino de História, consciente e responsável tomar as rédeas da situação, com a intenção de validar as verdades históricas, a fim de voltarmos a ter um ensino consequente, oportuno e democrático.

## REFERÊNCIAS

CARDOSO, Oldimar. Didática da história. [Verbete]. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. (Coordenadoras). *Dicionário de ensino de história*. Rio de Janeiro: FGV, 2019. p. 79-84.

CERRI, Luís Fernando. *Ensino de história e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea*. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

CESAR, Temístocles. História [Verbete]. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. (Coordenadoras). *Dicionário de ensino de história*. Rio de Janeiro: FGV, 2019. p. 113-120

MALERBA, Jurandir. Teoria e história da historiografia. In: MALERBA, Jurandir. *A História escrita: Teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 11-26.

MARTINS, Estevão Rezende. Consciência histórica. [Verbete]. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. (Coordenadoras). *Dicionário de ensino de história*. Rio de Janeiro: FGV, 2019. p. 55-58.

PINSKY, Jaime. Apresentação. In: *O ensino de História e a criação do fato*. São Paulo: Contexto, 2021. p. 7-10.

RÜSEN, Jörn. *Teoria da história*. Brasília: UNB, 2001.